

# A história importa

*History Matters*

Tyrone Apollo Pontes Cândido\*

THOMPSON, E. P. *A miséria da teoria e outros ensaios*. Tradução de Adail Sobral. Petrópolis, RJ: Vozes, 2021.

Era ansiosamente esperada a volta de *A miséria da teoria* às livrarias brasileiras, visto que os últimos exemplares de uma primeira edição da antiga Zahar Editores já há muito tempo tornaram-se raridades. Foram quarenta anos de espera! Sirva de consolo termos agora uma edição mais completa e melhor traduzida. Desta vez, a Editora Vozes não descuidou de incluir todos os ensaios reunidos por E. P. Thompson (1924-1993) para a edição original inglesa de 1978. Na verdade, o novo exemplar baseou-se numa edição mais recente, lançada em 1995, pouco tempo após a morte do autor, sob os cuidados da companheira Dorothy Thompson (1923-2011). É dela o revelador prefácio também inserido na nova edição brasileira.

Sabe-se bem que *A miséria da teoria*, ensaio apaixonado e de grande inspiração, constitui a mais potente declaração de princípios teóricos e políticos da vasta obra de Thompson. Seu surgimento deveu-se à emergência da filosofia estruturalista de Louis Althusser (1918-1990), intelectual ligado ao Partido Comunista Francês cuja leitura da obra de Marx adquiriu um grande número de adeptos em vários países. Para o filósofo francês, haveria na trajetória intelectual de Karl Marx um verdadeiro corte epistemológico fundante de uma nova filosofia revolucionária: o materialismo dialético. Althusser rejeitava os temas humanistas e hegelianos presentes especialmente nas obras de juventude de Marx. Somente em sua maturidade, especialmente quando escreveu *O Capital*, Marx teria se livrado das influências ideológicas dos primeiros anos, tornando o materialismo dialético uma verdadeira ciência. Althusser delimitava o marxismo como uma “prática teórica” avessa às pressões da realidade.

---

\* Universidade Estadual do Ceará (UECE), Quixadá, CE, Brasil. tyronecandido@gmail.com <<https://orcid.org/0000-0001-8030-8985>>

O conhecimento histórico nada mais seria que um conteúdo de empirismo banal (Cf. Althusser, 2015).

De início, Thompson não reconheceu importância no surgimento da filosofia althusseriana. Considerava-a como mais um modo platônico de pensamento, uma concepção religiosa que, por meios exegeticos, procurava extrair a verdade das obras de Karl Marx como uma escritura sagrada. Mas, como Dorothy Thompson registra no prefácio, aquela perspectiva de repente ganhou força entre alunos de pós-graduação e alguns jovens historiadores e estudiosos da literatura, que “começaram a declarar que a história é uma não disciplina e que seu estudo não tem valor algum” (Thompson, 2021, p. 10). Numa curta temporada de duas semanas de isolamento às margens do Lago de Garda (na Itália), Edward e Dorothy redigiram *A miséria da teoria* como um ataque implacável e mordaz, compondo uma paródia bem-humorada do edifício teórico de Althusser. Obviamente, o título escolhido seguia a inspiração polêmica de Karl Marx quando escreveu *A miséria da filosofia* contra a *Filosofia da miséria* de Proudhon.

O ensaio de Thompson demonstrou como a prática teórica de Althusser era de fato idealista, que sua noção de causalidade estruturalista era abstrata, que sua concepção de formação social era estática e mecânica, infensa a mudanças ou transformação social. Contra a noção de uma realidade epistemologicamente neutra e inerte proposta por Althusser, enfatizou o quanto a experiência real e viva interferia nos processos do conhecimento. Eis uma passagem incisiva:

A experiência entra sem bater à porta e anuncia mortes, crises de subsistência, guerras de trincheira, desemprego, inflação, genocídio. Pessoas morrem de fome: seus sobreviventes pensam o mercado de novas maneiras. Pessoas são presas: na prisão, pensam de novos modos sobre as leis. Diante dessas experiências gerais, antigos sistemas conceptuais podem ruir e novas problemáticas insistir em impor sua presença. Essa apresentação imperativa de efeitos do conhecimento não está prevista na epistemologia de Althusser, que é a de um recipiente – um fabricante que não se importa com a origem de sua matéria-prima, desde que ela chegue a tempo (Thompson, 2021, p. 30).

Para Thompson, uma concepção materialista da história não poderia ser reduzida à captura de um procedimento teórico abstrato e validado no isola-

mento do pensamento filosófico. Pelo contrário, enfatizava a importância do “discurso relevante de comprovação” característico do conhecimento histórico que, por sua natureza própria, era provisório e seletivo (mas não, por isso, inverídico). Afinal, a história constitui um conhecimento “limitado e definido pelas perguntas feitas às evidências” (Thompson, 2021, p. 74) da realidade. Nesse sentido, muitas vezes se afasta dos paradigmas científicos convencionais. Mas, dessa forma incompleta e imperfeita, a história como disciplina mostrava-se apropriada à investigação racional dos processos do passado. Tendo uma lógica própria (a lógica histórica, a lógica derivada do diálogo entre hipóteses explicativas e evidências do passado), a história só poderia ser um saber alicerçado em categorias elásticas e abertas a grandes irregularidades. Afinal de contas, asseverou Thompson, a própria história “não conhece verbos regulares” (Thompson, 2021, p. 84).

Ainda que pudesse contar com consistentes referências nos escritos de Marx e Engels para sustentar suas objeções a Althusser, Thompson negou-se a transformar seu ensaio num novo tratado de “marxologia”. Não obstante, é notável como as ideias dos fundadores do materialismo histórico são abordadas em *A miséria da teoria*. Thompson compreende que Marx e Engels, uma vez tendo esboçado sua concepção materialista da história na década de 1840, dedicaram-se, pelo resto de suas vidas, a encontrar, nos mais diferentes campos do conhecimento, não a confirmação de uma verdade irretocável, porém, antes, novas evidências e descobertas.

E. P. Thompson compreendeu que a obsessão de Marx na escrita de *O Capital* o aprisionou durante vinte anos num hercúleo esforço de refutação às leis e categorias da Economia Política. Mas a fatura cobrou seu preço. Ainda que Marx tenha, por diversas vezes, ridicularizado as pretensões da ciência econômica burguesa de revelar leis fixas e eternas, independentes das especificidades históricas, terminou prisioneiro da crítica a essas mesmas categorias aistóricas, naquilo que Thompson chamou de uma “anti-estrutura”, somente superada a muito custo.

O materialismo histórico não deveria ser identificado (como queria Althusser) com esse que era, na verdade, apenas um momento de um processo de desenvolvimento na investigação de Marx. As categorias de *O Capital* não esgotavam todas as possibilidades do materialismo histórico. Marx e Engels, segundo Thompson, basicamente apenas formularam as hipóteses gerais que

uma tradição marxista aberta e exploratória haveria de enriquecer. Para tanto, o materialismo histórico necessitou se apropriar de novos conhecimentos e formular novos conceitos. Necessitou enfrentar determinados “termos de junção” situados entre diferentes disciplinas analíticas ou na zona de fronteira entre as estruturas e os processos.

Os historiadores marxistas, como sujeitos ativos desse movimento, viram-se confrontados com um termo ausente em Marx: a experiência.

O que descobrimos está (em minha opinião) em uma expressão que falta: “experiência humana”. É exatamente essa expressão que Althusser e seus seguidores desejam expulsar, com injúrias, do clube do pensamento, sob o nome de “empirismo”. Os homens e mulheres também retornam como sujeitos no âmbito dessa expressão – não como sujeitos autônomos, “indivíduos livres”, mas como pessoas que vivenciam suas situações e relações de produção determinadas como necessidades, interesses e antagonismos, e em seguida “lidam” com essa experiência em sua *consciência* e sua *cultura* (dois outros termos excluídos pela prática teórica das mais complexas maneiras (sim, “relativamente autônomas”) e então (frequentemente, mas nem sempre, mediante as estruturas de classe resultantes) agem, por sua vez, sobre sua situação determinada (Thompson, 2021, pp. 253-254).

O estruturalismo abraçado por Louis Althusser pareceu a Thompson uma nova versão do stalinismo, com “um vocabulário *burguês*, uma apologia do *status quo*, bem como um ataque aos hereges ‘utópicos’ e ‘mal-adaptados’.” (Thompson, 2021, pp. 125-126). Era uma teoria ossificada, “produto daquele momento [...] de estase ideológica polarizada no auge da Guerra Fria” (Thompson, 2021, p. 132). O pensamento de Althusser prestava-se à recuperação de uma ordem interessada em evitar o debate e a crítica radical. Como enfatizou o professor Marcelo Badaró Mattos, o projeto intelectual sustentado por E. P. Thompson visava, bem pelo contrário, fomentar a crítica ativa do materialismo histórico (Mattos, 2012).

Apenas uma leitura integral de *A miséria da teoria* permite perceber o alcance abrangente da diretiva polêmica contra o estruturalismo de Althusser. E. P. Thompson visava ainda confrontar uma nova geração de acadêmicos – “mais segregados do que nunca com relação à prática” e que “trabalham em instituições complexamente estruturadas, segundo ‘horários’ e programas” (Thompson, 2021, p. 174) –, intelectuais muito pouco afeiçoados aos procedimentos da observação e ao engajamento empírico. Eram essas as característi-

cas de certa parcela de acadêmicos de esquerda, tal como Thompson encontrou numa primeira geração pós-1968.

*A miséria da teoria* foi um ensaio com o qual o autor visava especialmente constituir um artefato destinado à polêmica, pois era no franco e aberto confronto de ideias que Thompson encontrava-se mais à vontade. Como ressaltaria Bryan D. Palmer, “o debate era algo como uma metodologia imperativa” para Thompson (Palmer, 2013, p. 13). Ou, como o próprio Thompson confessou, “é somente enfrentando a oposição que tenho condições de definir meu pensamento” – comparando-se a uma abetarda que, por “uma lei bem conhecida da aeronáutica, só pode levantar voo contra um forte vento de proa” (Thompson, 2021, p. 558).

Afinal de contas, a polêmica não era nenhuma novidade na trajetória enrijada de Thompson. Na verdade, *A miséria da teoria* representou uma retomada pública do autor após a dispersão de uma primeira geração de ativistas que haviam formado a chamada Nova Esquerda britânica no decênio após os acontecimentos de 1956 – a crise do movimento comunista internacional ocasionada pelas revelações dos crimes de Stalin no XX Congresso do PCUS e pela sangrenta repressão soviética contra a Revolução Húngara. O declínio da primeira geração da Nova Esquerda marcou, para Thompson, o “momento de o pensar se encerrar em sua cabana” (Thompson, 2021, p. 14), tamanha a “sensação de isolamento” que se tornou dominante. Quando resolveu “sair da cabana”, na segunda metade da década de 1970, sentiu a necessidade de explicar sua trajetória, recuperando seus passos.

Eis a motivação para Thompson reunir, na publicação de *A miséria da teoria*, outros três de seus ensaios mais corrosivos: “Fora da baleia” (originalmente publicado na coletânea *Out of apathy*, de 1960), “As peculiaridades dos ingleses” e “Carta aberta a Leszek Kolakowski” (ambos publicados na revista *Socialist Register*, respectivamente em 1965 e 1973)<sup>1</sup>. Três momentos diferentes, em que a intervenção polêmica saiu a campo contra argumentações que visavam desacreditar o engajamento intelectual e adequar o pensamento crítico a padronizações conformistas.

No caso de *Fora da baleia*, o argumento voltou-se contra George Orwell (1903-1950) e seus escritos da fase do segundo pós-guerra. Orwell, como outros importantes expoentes da geração de 1930, formada no vívido espírito das lutas antifascistas, canalizou suas desilusões com a emergência da Guerra

Fria para uma perspectiva cética e niilista. Tratava-se de uma postura que, durante uma década inteira, “contaminou toda a confiança do homem social e prendeu Orwell nas negações de 1984” (Thompson, 2021, p. 324). Para Thompson, semelhante perspectiva estava associada ao tempo em que prevaleceu “uma polarização da consciência humana que correspondia à polarização do poder mundial” (Thompson, 2021, p. 302).

À ortodoxia soviética, definida pela censura, pelas instituições repressivas e pelo endosso (confirmado ou revisado) à figura de uma autoridade guia do proletariado, correspondia a variedade ideológica do “mundo livre” que reivindicava a diversidade de tendências intelectuais, o caráter indeterminado e mutante dos limites do pensamento e a liberdade da divergência (incluindo a conveniente oposição ao stalinismo), moldando “a ilusão central da cultura ‘otanolitana’” (Thompson, 2021, p. 303) – um neologismo com o qual Thompson ironizava o polo de poder ordenado pela Organização do Tratado do Atlântico Norte, a OTAN. Enxergando na ideologia um “componente *ativo* da apatia”, Thompson sintetizou:

Percorria toda a Europa não só a fronteira do poder, como também uma falha cultural. E essa falha se manifestou no âmbito da mente de homens individuais de ambos os lados da divisão. Ela vai ocupar sua posição entre aquelas suposições sobre a natureza do homem, e sobre a maneira pela qual os homens fazem, ou não podem fazer, sua própria história que constituem a base da maioria das disciplinas. E embora as pressões que induzem à conformidade pareceram de vez em quando esmagadoras dos dois lados, nunca foi inevitável que as mentes individuais devessem submeter-se a elas (Thompson, 2021, p. 304).

Acusando a apostasia como uma “abdicação da responsabilidade intelectual diante de toda experiência social”, Thompson via, nos novos quietistas dos anos 1950, a adesão a certo pensamento doutrinário maniqueísta pronto a condenar qualquer “projeto de demolição em grande escala” como “blasfêmia”. A “grande verdade otanolitana” teria sido há muito anunciada por Henry Ford, quando declarou que “a história é uma bobagem”, uma expressão vista por Thompson como “uma moral determinista não menos rígida do que o stalinismo ortodoxo” (Thompson, 2021, p. 315).

*As peculiaridades dos ingleses*, de 1965, traz a marca das mudanças de tra-

jetória do movimento da Nova Esquerda britânica. Composto em estilo indignado e malicioso, o ensaio voltava-se contra a tendência assumida pela *New Left Review* após a transferência da direção editorial para as mãos do então jovem Perry Anderson (1938-). A “nova” versão da revista abandonava os assuntos que marcaram os debates dos primeiros anos pós-1956, provocando o alinhamento ao que Thompson encarava como uma matriz teórica fechada do marxismo ocidental. O ensaio concentra-se na refutação dos argumentos de Perry Anderson e Tom Nairn (1932-), que atribuíam a crise britânica e de seu movimento operário às raízes históricas nacionais de um país cuja burguesia nunca fora revolucionária, nunca convivera com os estímulos de um ambiente iluminista, restando-lhe uma cultura de classe tradicionalista, religiosa e orientada por um empirismo filosófico mesquinho e provinciano. A limitada ideologia burguesa na Inglaterra teria deixado seu legado num movimento operário que nunca fora revolucionário, nunca constituía uma tradição marxista autêntica, entrincheirando-se num lamentável conservadorismo sindical.

E. P. Thompson, que rejeitava tudo isso, esgrimiou, em *As peculiaridades dos ingleses*, um largo conhecimento historiográfico em defesa da história inglesa e de suas tradições radicais. Aqui, a lógica histórica assume uma importante função na polêmica. Em mais de cem páginas de um texto repleto de nuances, recursos retóricos e construção de imagens, Thompson buscou derubar visões esquemáticas da histórica, sustentando que o processo social inglês não se prestava a uma linha de interpretação calcada no modelo de revolução proposto por Anderson e Nairn. Como o autor revelou numa entrevista, *As peculiaridades dos ingleses* trazia uma “espécie de mapa esquemático” para diversos estudos posteriores (Merril, 2014, p. 434).

Por último, ali está a *Carta aberta a Leszek Kolakowski*, ensaio de 1973 com acentuado tom pessoal. Kolakowski (1927-2009), filósofo polonês que havia tido participação destacada na Nova Esquerda, chegava à Inglaterra naquele momento como exilado do Leste Europeu, mas revelava-se, numa postura antimarxista, como um renegado do socialismo que desferia ataques à esquerda tanto do Leste quanto do Oeste, numa linha partidária de direita. Em sua carta aberta, Thompson dizia-se atingido pelas “injúria e traição” de Kolakowski, mobilizando antigos argumentos do próprio filósofo polonês con-

tra os conteúdos de seus escritos recentes, que passavam a considerar a “visão unitária de homem” de Marx como um prenúncio totalitário. Dos muitos e variados assuntos abordados, destaca-se o entendimento de Thompson a respeito das diferentes posturas intelectuais possíveis em relação ao marxismo, dentre as quais reivindica aquela que via, no escopo de conhecimentos originalmente formulados por Marx, uma “tradição” à qual o autor reivindicava pertencer. Era essa uma modalidade de relação com o marxismo capaz de evitar tanto o dogmatismo quanto o ecletismo dissoluto. Situar-se numa tradição marxista seria, para Thompson, estabelecer um diálogo privilegiado com a obra e os conceitos de Marx (e as apropriações dos marxistas) sem recair num campo de ideias autovalidadas.

Thompson via o (e se via no) marxismo como uma tradição criativa, avessa à ortodoxia e que se renovava a cada desafio apresentado pelo fluxo histórico. Dizia: “A questão (para quem se diz pertencente a esta tradição) é menos a de definir a tradição em si do que a de definir a posição que ocupa em seu âmbito” (Thompson, 2021, p. 461). E é o que fez quando escreveu:

Ser historiador marxista na Grã-Bretanha significa trabalhar no âmbito de uma tradição fundada por Marx, enriquecida por formulações independentes e complementares de William Morris e ampliada em épocas recentes de maneiras especializadas por homens e mulheres como V. Gordon Childe, Maurice Dobb, Dona Torr e George Thomson, bem como ter como colegas estudiosos como Christopher Hill, Rodney Hilton, Eric Hobsbawm, V. G. Kiernan (Thompson, 2021, p. 469).

É notável como Thompson tomava a tradição marxista num processo de expansão em que “uma tradição fundada por Marx” era “enriquecida por formulações independentes e complementares”. Trata-se de um modo de pensar aberto a revisões.

Seria a própria Dorothy Thompson quem reconheceria que, como trabalho teórico definitivo, *A miséria da teoria* era um ensaio com muitas falhas: “muito mais uma defesa da história do que uma exposição de uma alternativa à visão althusseriana do marxismo” (Thompson, 2021, p. 11). E a reação afetada demonstrada pelos primeiros leitores de *A miséria da teoria* confirma a capacidade que Thompson tinha em fazer de seus escritos verdadeiros artefatos de provocação. Em plena Guerra Fria, Thompson desafiava as ortodoxias e esti-



mulava o não-alinhamento do pensamento. Libertário e utópico, não se furtava ao combate das ideias, enfatizando sempre a importância da experiência humana nas lutas de classe e defendendo que a história importa e pode se constituir numa de nossas principais armas. Hoje, tempo em que o pensamento hegemônico pós-Guerra Fria se revelou ainda mais anticomunista do que no passado, as ideias de E. P. Thompson continuam desconcertantemente atuais:

Eis um mal momento em que viver a mente racional: para uma mente racional da tradição marxista, trata-se de uma época insuportável. [...] A experiência do fascismo, do stalinismo, do racismo e do fenômeno contraditório da “afluência” da classe operária em setores de economias capitalistas está irrompendo e exigindo de nós a reconstrução de nossas categorias. Mais uma vez, testemunhamos o “ser social” determinando a “consciência social”, à medida que a experiência se impõe ao pensamento e o pressiona. [...] Eis uma época em que a razão deve ranger os dentes. Conforme o mundo se altera, devemos aprender a alterar nossa linguagem e nossos termos. Mas nunca deveríamos mudá-los sem *razão* (Thompson, 2021, pp. 53-53).

A nova publicação de *A miséria da teoria* permitirá que uma nova geração finalmente conheça uma das obras que estiveram na base de formação da história social brasileira nas últimas décadas. Oxalá possa novamente estimular nossa razão a ranger os dentes no enfrentamento dos imensos desafios de nossa sociedade.

## REFERÊNCIAS

- ALTHUSSER, Louis. *Por Marx*. Tradução de Maria Leonor F. R. Loureiro. Campinas: Editora Unicamp, 2015.
- MATTOS, Marcelo Badaró. *E. P. Thompson e a tradição de crítica ativa do materialismo histórico*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2012.
- MERRIL, Michael. Uma entrevista com E. P. Thompson (1976). *Revista História & Perspectivas*, Uberlândia, n. especial, pp. 417-445, jan./jun. 2014.
- MÜLLER, Ricardo Gaspar; DUAYER, Mario (Orgs.). *A carta aberta de E. P. Thompson a L. Kolakowski e outros ensaios*. Tradução de Taís Blauth. Florianópolis: Editora Em Debate, 2019.

PALMER, Bryan D. A História enquanto debate: a análise contestadora de “A Formação da Classe Operária Inglesa”. *Revista Mundos do Trabalho*, Florianópolis, v. 5, n. 10, pp. 13-35, jul./dez. 2013.

THOMPSON, E. P. *A miséria da teoria e outros ensaios*. Tradução de Adail Sobral. Petrópolis, RJ: Vozes, 2021.

THOMPSON, E. P. *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos*. Organização de Antonio Luigi Negro e Sergio Silva. Campinas: Editora da Unicamp, 2001

## NOTA

<sup>1</sup> Já existiam edições brasileiras em separado de *As peculiaridades dos ingleses* e *Carta Aberta a Leszek Kolakowski*. Cf. Thompson (2001) e Müller; Duayer (2019).

Resenha submetida em 22 de abril de 2022.

Aprovada em 1 de agosto de 2022.

